



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetitê, BA

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MULHERES CAMPONESAS

Luma da Silva Gonçalves¹

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis²

Resumo: Este texto objetiva apresentar trajetórias de vida, atuação comunitária e práticas educativas realizadas e/ou vivenciadas por mulheres que participam do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) nos municípios do Território de Identidade do Sertão Produtivo. Elaborou-se um levantamento bibliográfico de pesquisas que fazem referência as temáticas aqui apresentadas. A compreensão dos dados fundamentou-se na abordagem qualitativa. Para a coleta de dados empíricos realizou-se rodas de conversa, observações, além da entrevista semiestruturada realizada no local onde elas se reúnem. Todas encontraram nos movimentos sociais e religiosos sentido e condições para enfrentarem as discriminações de gênero e as desigualdades. As práticas educativas realizadas pelo MMC, simbolizam o processo de empoderamento das mulheres tanto no aspecto individual quanto no aspecto coletivo e social.

Palavras-chave: Mulheres Camponesas; Práticas educativas; Participação e Formação.

Introdução

O saber feminino foi deslegitimado e as mulheres invisibilizadas em espaços majoritariamente masculinos durante séculos, ocupar tais espaços se torna sinônimo de autonomia e empoderamento e quando falamos em mulheres camponesas, estamos intrinsecamente, entendendo o quão árduo se torna o acesso à educação, isso, pois, o atual cenário social é de forte influência do capital havendo severa industrialização geográfica.

No intuito de conhecer e compreender melhor o Movimento de Mulheres Camponesas do Território de Identidade do Sertão Produtivo do Estado da Bahia, apresentamos algumas questões que nortearam o estudo: Como e quando surgiu o MMC em sua localidade? Quem são as mulheres que participam? Em que medida a trajetória de vida dessas mulheres contribuíram para o surgimento da iniciativa e do desejo de se organizarem e irem à luta por seus direitos? Quais são as perspectivas e motivações do MMC? E outras.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da UNEB – Campus XII.

² Professora Adjunta doutora na UNEB – Campus XII, líder do Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPq).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Para responder a essas indagações, este trabalho tem como objetivo geral analisar como se dá a organização do Movimento de Mulheres Camponesas no cenário contemporâneo de mudanças socioculturais do Território de Identidade do Sertão Produtivo do Estado da Bahia e descrever as práticas educativas realizadas por e/ou com as mulheres em movimento(s).

Como objetivos específicos buscamos localizar em Guanambi e região Movimentos de Mulheres Camponesas (MMC) e apresentar seus modos de inserção e participação cidadã na família, na comunidade, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas cooperativas, nas associações, na escola e nas demais instâncias formativas; traçar e analisar o perfil de um grupo de mulheres camponesas, a partir de dados sobre a sua situação social, econômica, escolaridade, faixa etária, pertencimento religioso e étnico; reconstituir, por intermédio da trajetória de vida de sete (7) mulheres camponesas, o processo de atuação e de formação no MMC.

Diante da relevância das questões expostas, bem como do escasso número de trabalhos que se dedicam à compreensão da condição feminina de mulheres camponesas no Território de Identidade do Sertão Produtivo no Estado da Bahia, justifica-se a proposição desta pesquisa para que se possa compreender como essas mulheres constituíram seu percurso pessoal, comunitário e político em organizações destinadas ao enfrentamento e à superação das desigualdades de classe, raça e gênero no MMC.

Caminhos metodológicos

A presente pesquisa e compreensão dos dados fundamentam-se nos pressupostos da abordagem qualitativa, pois:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 6)



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Assim sendo, a pesquisadora utilizou o modelo de pesquisa qualitativa, pois estava em busca, conforme os objetivos de analisar as práticas educativas de mulheres camponesas, relacionando suas trajetórias de vida com as relações de gênero pré-estabelecidas pela sociedade. Desta maneira, a pesquisa qualitativa é a mais apropriada para a compreensão e análise dos fatos que envolvem os sujeitos e objeto de pesquisa.

Para realizarmos a visita aos grupos aos Movimentos de Mulheres Camponesas de Guanambi e região, inicialmente telefonamos e marcamos uma visita para conhecer o grupo de mulheres. Nesse primeiro contato, preenchemos uma ficha de identificação e realizamos uma conversa informal sobre como se dá a organização e o funcionamento do MMC na comunidade visitada. De posse dos dados obtidos verificamos quais das mulheres que participam ativamente do MMC aceitavam colaborar com a pesquisa na condição de informantes.

Para a seleção das mulheres, levamos em conta a disponibilidade para participar da pesquisa e a aproximação efetiva ao perfil desejado. As mulheres que participaram do estudo, concedendo-nos entrevistas, foram, portanto, as mulheres em movimento(s) que atuam no Território de Identidade do Sertão Produtivo. A princípio, foram entrevistadas mulheres de idades diferenciadas que exercem lideranças nas CEBs, nas Associações, nas Cooperativas, nos Movimentos de Mulheres Camponesas, mulheres negras, mulheres que foram atendidas pelos projetos realizados pelo Centro de Agroecologia no Semiárido (CASA), entre outros.

Os grupos de mulheres camponesas que selecionamos, em média é composto por 16 a 20 mulheres. É válido destacar que reconstituímos as trajetórias de vida de sete mulheres camponesas que apresentaram episódios relacionados ao surgimento do MMC, os modos de participação e atuação no meio social e comunitário e as práticas educativas realizadas por elas dentro e fora da comunidade onde vivem e realizam o trabalho comunitário. O encontro com estas mulheres para a realização da pesquisa se deu inicialmente, por meio de um contato prévio e visita as comunidades onde elas residem e trabalham.



Inicialmente realizamos uma roda de conversa para nos apresentarmos e falar também sobre a intenção da pesquisa. Logo após elas também se apresentaram e falaram sobre como se deu o surgimento do MMC, quais foram e quais são os seus objetivos e aspirações, quais práticas educativas realizam, como é a relação com o esposo e o trabalho delas no MMC, além de outras informações ligadas as suas lutas e dificuldades.

Quadro 1 - Perfil sociodemográfico individual das mulheres da pesquisa.

| Mulheres | Características das mulheres |
|-------------------|---|
| Flor de Margarida | 71 anos, lavradora, aposentada, casada, mãe, residente na comunidade Mandacaru. Em relação ao pertencimento étnico e religioso, declarou-se morena clara e religião católica. Aos 16 anos de idade foi alfabetizada na escola radiofônica. É membro fundadora do MMC de Caculé e atualmente atua na coordenação. |
| Aipim | 69 anos, lavradora, aposentada, casada, mãe, residente na comunidade Água Branca. Em relação ao pertencimento étnico e religioso, declarou-se parda e religião católica. Foi alfabetizada aos 15 anos de idade, na escola radiofônica e retomou os estudos aos 58 anos de idade na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) onde cursou até o terceiro ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal na cidade de Caculé. É membro fundadora do MMC de Caculé e atualmente atua na coordenação. |
| Lia | 57 anos, lavradora, aposentada, casada, mãe, residente na comunidade Mandacaru. Em relação ao pertencimento étnico e religioso declarou-se morena e de religião católica. Iniciou os estudos aos sete anos de idade na catequese da própria comunidade, mas por insistência dos pais desistiu da escola. Relatou que após os filhos terem se casado, matriculou-se em uma escola na cidade de Caculé e concluiu o terceiro ano do ensino médio na modalidade EJA. Atualmente é presidenta da Associação Mandacaru, Lagoa da Corda e Água Branca e atua na coordenação do MMC. |
| Bela | 53 anos, lavradora, casada, mãe, residente na comunidade Água Branca. Em relação ao pertencimento étnico e religiosos declarou-se morena e de religião católica. Iniciou a vida escolar aos cinco anos de idade em uma escola do campo, distante de onde morava. Cursou até o quarto ano do ensino fundamental. Retornou os estudos após os 40 anos de idade e concluiu até o nono ano do ensino fundamental. É membro do MMC desde 2015. |
| Rosa | 29 anos, lavradora, casada, mãe, residente na comunidade Água Branca. Em relação ao pertencimento étnico e religiosos declarou-se morena clara e de religião católica. Iniciou a vida escolar aos quatro anos de idade e estudou até o nono ano do ensino fundamental, sendo que do primeiro ao quinto ano cursou na escola da comunidade em que reside e do sexto ao nono em um colégio estadual na cidade de Caculé. É membro do MMC desde 2014. |
| Borboleta | 51 anos, lavradora, residente na comunidade de Mandacaru, Caculé-BA onde reside até o momento. É casada, mãe de quatro filhos, de religião católica e declarou-se morena em relação a sua cor. Concluiu o Ensino médio aos 48 anos na modalidade EJA. Participa do MMC desde o ano 2000, atualmente participa da diretoria na condição de secretária. |
| Margarida | 52 anos, agricultora familiar, solteira, residente na comunidade de Jatobá, município de Guanambi-BA, onde reside até o momento. Declarou-se católica, quanto ao pertencimento étnico, diz ser morena e descendente de índios. Licenciada em Pedagogia pela UNEB, Campus XII, estudou as séries iniciais em uma escola da zona rural em turmas multisseriadas e os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio cursou em uma escola da cidade de Guanambi. Atualmente participa da diretoria do Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Guanambi. |

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados das entrevistas



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

Movimento de Mulheres Camponesas no Brasil: breve histórico

Os movimentos sociais se referem a ações coletivas que objetivam propor mudanças na sociedade, neste sentido, Bosetti afirma que:

Estas ações são de modo geral organizadas em função das demandas criadas por estes atores ou como resposta a determinadas ações produzidas contra seus interesses. Ação ou reação visando reivindicar ou propor mudanças, melhorias, projetos, enfim, os movimentos sociais representam a manifestação das ações coletivas que fazem a sociedade se transformar e estar num constante processo de reconstrução, o que nos leva a acreditar que onde há sociedade existem movimentos sociais. (BOSETTI 2010, p. 70).

Desta forma, é possível notar que os movimentos sociais implicam em uma tentativa de reconstruir algumas questões que estão postas na sociedade e estereotipadas como comuns, culturais, quando na realidade se tratam de injustiças, desigualdades ou até mesmo violação dos direitos humanos.

Com o intuito de lutar por direitos, foram consolidados na década de 1980 vários movimentos de mulheres em concordância com o surgimento de movimentos no campo. Estes foram motivados a lutar pelo reconhecimento e valorização das trabalhadoras rurais. Os principais anseios foram a libertação da mulher, sindicalização, documentação, direitos previdenciários como salário maternidade e aposentadoria, participação na política, entre outros. (MMC Brasil, 2016).

Em fevereiro de 2013 o MMC realizou o I Encontro Nacional de Mulheres Camponesas, em Brasília, onde cerca de três mil mulheres se reuniram para declarar “Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher”. Segundo Cruz,

O evento reafirmou a importância do Movimento de Mulheres Camponesas na luta pela libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação; a construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica e a luta pela transformação da sociedade. (CRUZ 2013, p. 11).

Diante do exposto, percebe-se que o MMC se constitui como um significativo movimento no palco de lutas pelo fim da violência contra a mulher, pela igualdade de gênero, agricultura agroecológica, produção de alimentos saudáveis, entre outros



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

benefícios que não dizem respeito somente às participantes do movimento, mas aos camponeses e camponesas de modo geral.

Organização do Movimento de Mulheres Camponesas e suas especificidades

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) é composto por mulheres agricultoras, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, sem terra, assentadas, enfim, são mulheres que lutam pelo fim da violência, da dominação e de qualquer forma de poder, travando embates por políticas públicas que amparem todas as mulheres, além de disseminarem seus conhecimentos acerca da produção saudável de alimentos. De acordo com o próprio MMC, atualmente o movimento está presente em dezoito estados brasileiros e a maiores dificuldades encontradas fazem parte do atual cenário político, onde questões sociais, econômicas e culturais são aspectos inerentes às principais pautas de luta.

A partir do momento em que estudar a história das mulheres tornou-se um campo de estudos, significou um grande avanço para o feminismo, hoje em dia, segundo Scott (1992, p. 62) já é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo e podemos constatar tais evidências em artigos, livros e pesquisas acadêmicas.

Eu gostaria de dizer que, pensando em termos da lógica contraditória do suplemento, podem analisar a ambiguidade da história das mulheres e sua força política potencialmente crítica, um a força que desafia e desestabiliza as premissas disciplinares estabelecidas, mas sem oferecer uma síntese ou uma resolução fácil. [...] Por isso, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. (SCOTT, 1992, p. 76-77).

Estudar história de vida é, acima de tudo, ter compreensão de pertencimento e de identidade, isso envolve aspectos culturais e socioeconômicos, como também consciência de classe e valorização de sujeitos, conforme Glat:



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

O homem é, por essência, um ser social. Sua identidade pessoal é determinada pelo espaço que ele ocupa nos diferentes grupos sociais nos quais transita e pertence. Entre esses destacam-se a família — grupo social primário que o inicia no processo de socialização, e a escola — que completa o processo. Pode-se dizer, portanto, que a visão que um homem tem de si — sua autopercepção — é constituída na relação que ele estabelece com os demais e pela forma como é percebido pelos outros. Em outras palavras, sua identidade pessoal é referendada por sua identidade social. (GLAT, 1989, p. 67)

Bogdan e Biklen (1994) enfatiza que as histórias de vida são tentativas para a reconstrução da carreira dos indivíduos, Laville e Dionne (1999, p. 159) falam que são questões apaixonantes, para as quais as respostas continuarão individuais, eles enfatizam que essas respostas são suscetíveis de lançar uma luz sobre as relações indivíduo-sociedade-cultura, por isso nasce o interesse de ir coletá-las.

Instrumentos e procedimentos da pesquisa

Utilizamos também como instrumento para coleta de dados a entrevista, pois esta permite uma relação de interação entre o pesquisador e o pesquisado gerando assim um diálogo que funciona como ponte para que o entrevistador chegue à compreensão da realidade.

Zago (2011, p. 295) afirma que “a maneira e a condução da entrevista deve se ajustar às nossas preocupações”, ou seja, o entrevistador como mediador, é quem conduz o diálogo de modo que o entrevistado se sinta à vontade para relatar suas experiências. A entrevista permite ainda uma interdependência com outros procedimentos, como a observação, por exemplo, o que permite ao entrevistador utilizar-se de vários meios para a obtenção do que se deseja coletar.

No decorrer da pesquisa, adotamos como método para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, como diz Zago (2011, p. 295) trata-se de “uma técnica que transpõe mecanicamente para uma situação de coleta de dados, mas como parte integrante da construção sociológica do objeto de estudo”.

Para fazer o recorte temporal optamos por mapear as produções realizadas nos últimos dez anos, ou seja, entre 2007 e 2017. A opção de investigar este período se deu

pelo fato de entendermos que a luta das mulheres camponesas para que seus direitos sejam garantidos ganharam mais visibilidade nos últimos dez anos e conseqüentemente as investigações científicas que discorrem sobre esta temática também são, de certo modo, atuais³.

Quadro 2 – Produções científicas das Reuniões da ANPED

| AUTOR (ES) | TÍTULO | Reunião | GT | ANO | Modalidade |
|--|--|-----------------|----|------|------------------|
| REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira (UNEB) | Comunidades Eclesiais de Base como instância formativa de mulheres camponesas | 35 ^a | 06 | 2012 | Pôster |
| TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos (UFSCar); OLIVEIRA, Maria Waldenez de – (UFSCar) | Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde | 35 ^a | 06 | 2012 | Comunicação oral |
| CHERFEM, Carolina Orquiza – (UNICAMP); MONTRONE, Aínda Victória Garcia (UFSCar) | É possível transformação social nos movimentos de mulheres? | 33 ^a | 03 | 2010 | Comunicação oral |
| TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos (UFSCar) | Educação Popular e cuidado à saúde no campo: situações limites e a construção de inéditos viáveis por Mulheres Camponesas | 37 ^a | 06 | 2015 | Comunicação oral |
| SCHWENDLE, Sônia Fátima. (UFMG) | As mulheres da via campesina: processos educativos e organizativos no Brasil e Chile | 37 ^a | 03 | 2015 | Comunicação oral |
| REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira - UNEB; EITERER, Carmem Lúcia Eiterer – UFMG | “Nem tudo são flores”: A interface da Educação Popular e um modo de ser mulher, mãe e líder nas Comunidades Eclesiais de Base. | 38 ^a | 06 | 2017 | Comunicação oral |

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa.

Conclusões

Hoje, as camponesas podem contar com assistência e amparo de políticas públicas como qualquer outra mulher, porém, o que está posto nas entrelinhas é que nunca alcançaremos uma sociedade justa e igualitária, mesmo com leis, projetos, créditos e incentivos. Ainda teremos casos de violência, a educação e a informação irão chegar

³ No levantamento nos anais das reuniões nacionais da ANPED, entre os anos de 2007 (30^a Reunião) a 2017 (38^a Reunião), encontramos apenas seis trabalhos referente ao tema “mulheres camponesas”. Quatro foram apresentados no GT 6 – Educação Popular e dois foram apresentados no GT 03 – Movimentos Sociais. Acessamos a todos os GTs das reuniões do período mencionado, porém somente nestes dois grupos de discussão encontramos trabalhos que se remetem ao tema.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

atrasadas no campo e o silêncio prevalecerá quando houver ruptura da integridade física e moral de uma mulher. A mulher camponesa é definitivamente aquela que maior propriedade tem em falar da terra, pois assim como a terra produz, a mulher dá vida e essa conexão existente transcenderá quaisquer estudos e pesquisas na área.

Simone de Beauvoir (2016) afirma que “elas são mulheres em virtude da sua estrutura fisiológica, por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas aos homens”, esta afirmação nos remete ao que já é sabido por um passado tenebroso para as mulheres, em que apenas o fato de nascer no sexo feminino se configurava sinônimo de desprezo e humilhação, perante uma nação que negava o saber às mulheres, o direito ao voto e diversas outras oportunidades.

Referências

BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1982.

BOSETTI, Cleber José. Movimento das mulheres camponesas: identidade, inclusão e projeto político. In: **I Seminário Internacional e III Seminário Nacional: movimentos sociais, participação e democracia**, (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2010. p. 69-84. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/mspd/a005.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. MMC. **Movimento de mulheres camponesas**. Disponível em: <https://www.mmcbrazil.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CHERFEM, Carolina Orquiza; MONTRONE, Aínda Victória Garcia. **É possível transformação social nos movimentos de mulheres?** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33, 2010, Caxambu, MG. Anais...[online], 2007. p. 1 – 17.

CRUZ, Teresa Almeida. A caminhada de organização do movimento de mulheres camponesas do Brasil na luta em defesa da vida. In.: **Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238894_A_RQUIVO_TextocompletoFG10.pdf. Acesso em: 7 nov. 2017.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

GLAT, Rosana. PLETSCH, Márcia Denise. **O método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais.** Revista “Educação Especial” v. 22, n. 34, p. 139-154, maio/ago. Santa Maria, 2009.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte – MG: Editora UFMG. Porto Alegre – RS: Artmed Editora, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **Comunidades Eclesiais de Base como instância formativa de mulheres camponesas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas, PE. Anais...[online], 2012. p. 1 – 5.

_____ ; EITERER, Carmem Lúcia. **“Nem tudo são flores”:** A interface da Educação Popular e um modo de ser mulher, mãe e líder nas Comunidades Eclesiais De Base. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38, 2017, São Luís, MA. Anais...[online], 2012. p. 1 – 17.

_____. **Mulheres camponesas e culturas do escrito:** trajetórias de lideranças comunitárias construídas nas CEBs. 2014. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 7 nov. 2017.

SCHWENDLE, Sônia Fátima. **As mulheres da via campesina: processos educativos e organizativos no Brasil e Chile.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37, 2015, Florianópolis, SC. Anais...[online], 2015. p. 1 – 19.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history.** p. 1-35. New York, Columbia University Press, 1989.

TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos. **Educação Popular e cuidado à saúde no campo: situações limites e a construção de inéditos viáveis por Mulheres Camponesas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37, 2015, Florianópolis, SC. Anais...[online], 2015. p. 1 – 16.

_____ ; OLIVEIRA, Maria Waldenez de. **Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas, PE. Anais...[online], 2012. p. 1 – 17.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. Cap.11, p. 287-309.